

NARRATIVAS SOBRE AS LIGAS CAMPONESAS DE PERNAMBUCO (1950-1964): UM OLHAR DO EXÍLIO

Tiago Conte Ferreira (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Angelo Aparecido Priori (Orientador).
E-mail: angelopriori@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,
Maringá, PR.

Área e subárea do conhecimento: Ciências Humanas / História.

Palavras-chave: campesinato; resistência; história política.

RESUMO

A pesquisa aborda as narrativas sobre as Ligas Camponesas de Pernambuco entre 1950 e 1964, buscando compreender como esse movimento sociopolítico foi representado em diferentes contextos, e tem como objetivo identificar, por meio da análise da obra *Sete palmos de terra e um caixão*, de Josué de Castro, e de produções acadêmicas, as formas como as experiências e lutas camponesas foram narradas, pensando em suas implicações políticas, sociais e culturais. Apesar da pesquisa ter como foco principal a História Política, também integra aportes da História Cultural para enriquecer a compreensão das narrativas. Isso se dá ao reconhecer que a dimensão simbólica e as disputas de memória são fundamentais para entender o sentido político do movimento. A metodologia integra pesquisa bibliográfica e análise de documentos, com foco na análise das representações e disputas de memória. A pesquisa parte da contextualização das Ligas, enfatizando sua importância na luta pela reforma agrária e no combate às estruturas agrárias tradicionais. Além disso, analisa a forma como essas narrativas se conectam aos debates intelectuais da época. As representações diferem de acordo com a posição política e a perspectiva teórica dos narradores, evidenciando disputas de memória e interpretações divergentes. O debate destaca a relevância de entender as Ligas Camponesas não só como fenômeno histórico, mas também como espaço para criação de narrativas e símbolos. Assim, a análise dessas narrativas enriquece a compreensão das conexões entre história e política no campo.

INTRODUÇÃO

As Ligas Camponesas, atuantes entre os anos 1950 e 1960, tornaram-se um dos movimentos sociais mais importantes do campo no Brasil. Elas mobilizaram os trabalhadores rurais contra práticas como o foro (uma taxa anual paga pelos foreiros aos proprietários de terra) e o cambão (trabalho compulsório gratuito em benefício dos latifundiários) e, posteriormente, em favor da reforma agrária. É relevante ressaltar que esta pesquisa não trata das Ligas Camponesas organizadas pelo PCB

em meados dos anos 1940, mas sim das que tiveram origem na Sociedade Agrícola e Pecuária de Plantadores de Pernambuco (SAPPP).

O estado de Pernambuco foi escolhido como recorte espacial deste estudo devido ao seu papel pioneiro e à liderança de personalidades como Francisco Julião, que desempenhou um papel central dentro do movimento. Oliveira (2025) indica que o Nordeste passa a representar um dos principais cenários da Guerra Fria no continente. De acordo com Bastos (1984), sob a influência do contato com a Revolução Cubana e da participação no Congresso de Belo Horizonte, a expansão das Ligas trouxe mudanças importantes, adotando um discurso e ações mais radicais. Nesse contexto, a expansão nacional colocou a questão no centro de acaloradas disputas políticas e ideológicas. Diante desse quadro de instabilidade, as Ligas começaram a ser vistas pela diplomacia dos EUA como uma potencial força revolucionária no país.

Esta pesquisa tem como objetivo examinar as diversas narrativas acerca do movimento, entendendo como foi retratado por diferentes grupos, entidades e indivíduos. Trata-se de um estudo fundamentado em revisão bibliográfica e análise de documentos. O aporte teórico integra contribuições da História Política, focando na análise das estruturas de poder e ações coletivas, com elementos da História Cultural, que possibilitam a abordagem da dimensão simbólica e das disputas de memória, com base nos trabalhos de Roger Chartier, Sandra Pesavento, Antonio Ferreira, René Rémond e Francisco Falcon.

REVISÃO DE LITERATURA

Um olhar do exílio.

A análise começou com *Sete palmos de terra e um caixão*, de Josué de Castro, escrito durante o exílio após 1964. O autor analisa a realidade do Nordeste com base na fome e na estrutura agrária, denunciando que a pobreza não é consequência de fatores naturais, mas de relações sociais e políticas. Dialoga com os artigos de Tad Szulc no *New York Times*, que atribuiu a explosividade do Nordeste à influência cubana, mas refuta essa interpretação, sustentando que a insatisfação camponesa era resultado da formação histórica do latifúndio e da crescente consciência política dos trabalhadores.

No livro *As Ligas Camponesas* (1984), Bastos retrata a vivência do engenho Galileia, abordando a rotina dos foreiros e os conflitos relacionados ao foro e ao cambão. Sua análise enfatiza a transição do movimento de uma etapa defensiva, de resistência às práticas abusivas, para uma etapa ofensiva, com a reforma agrária como objetivo. Além disso, examina a expansão das Ligas, as crises internas e a forma como interagiram com o Estado e outros agentes políticos, evidenciando as contradições que caracterizaram sua trajetória.

Em *O que são as Ligas Camponesas* (1962), Francisco Julião expõe sua perspectiva como um agitador, destacando as raízes e a relevância de uma organização centralizada em resposta à repressão. O texto relata a atuação das Ligas em várias áreas, como mobilização no campo, disputas jurídicas e ação

política, além de expor as formas de violência usadas contra o movimento. Sua visão ajuda a entender de que maneira sua ação fortalecia a identidade coletiva dos camponeses.

O livro *A questão agrária no Brasil: história e natureza das Ligas Camponesas* (1954-1964), organizado por Stédile (2005), compila estudos que aprofundam a compreensão do movimento. Moraes relaciona o crescimento das Ligas à liberalização democrática do governo Juscelino Kubitschek e ao fortalecimento do sindicalismo rural, promovido por organizações como União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil e a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura. Aued destaca não apenas as divisões internas entre comunistas e julianistas, mas também as pressões repressivas. Stédile aponta a relevância do aprendizado das Ligas na formação do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra, ressaltando que a luta estruturada contra a concentração de terras continua sendo um desafio contemporâneo.

Por fim, Martins oferece uma reflexão mais abrangente sobre o campesinato e sua conexão com a política institucional em *Os camponeses e a política no Brasil* (1986). O autor aponta uma discrepância entre os partidos e as lutas camponesas, questionando o motivo pelo qual a questão agrária levou tanto tempo para ser incluída na agenda nacional. Sugere uma perspectiva histórico-concreta, que enfatiza a trajetória política do campesinato e critica interpretações teóricas obsoletas que não se relacionam com o contexto brasileiro. Sua análise destaca a importância das lutas camponesas para entender a democracia e a questão agrária no país.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise do corpus revela que as narrativas a respeito das Ligas Camponesas de Pernambuco são permeadas por conflitos políticos, ideológicos e historiográficos. Além de ser um registro único, o movimento se apresenta como um espaço simbólico em disputa, onde diversas interpretações buscam atribuir significado às suas origens, estruturas organizacionais e desdobramentos.

Por um lado, existe a inclinação em ligá-las a um perigo externo, caracterizado pelo temor do comunismo e pelo enquadramento na lógica da Guerra Fria, o que deslegitimava a luta camponesa ao considerá-la fruto de manipulações ideológicas. Por outro lado, surgem narrativas que enfatizam a natureza interna do conflito, ligando a mobilização às contradições históricas do latifúndio e às condições de exploração no campo nordestino.

Entre esses extremos, sobressaem-se leituras focadas no dia a dia dos camponeses, que ressaltam práticas, significados e resistências, dando importância ao protagonismo dos trabalhadores. Outras carregam um forte peso memorial e político, validando a luta e convertendo as Ligas em um símbolo de um projeto de emancipação que foi interrompido pela Ditadura Militar.

A diversidade de representações espelha os conflitos da época: ao passo que algumas histórias enfatizam a radicalização e a conexão com experiências globais, outras ressaltam as reivindicações urgentes por direitos. Desse modo, as Ligas não

devem ser vistas apenas como um movimento econômico, mas também como um espaço simbólico e político, no qual se manifestaram expectativas de mudança e receios de desestabilização da ordem.

CONCLUSÕES

Portanto, é possível afirmar que as Ligas Camponesas de Pernambuco vão além de um movimento social rural, tornando-se um espaço simbólico para disputas políticas e memória. A análise das narrativas mostra que entender sua trajetória também implica entender os conflitos relacionados à questão agrária e os significados atribuídos à democracia e à justiça social no Brasil.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi desenvolvido com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por meio do Programa de Bolsas de Iniciação Científica PIBIC/CNPq-FA-UEM.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Elide Rugai. **As Ligas Camponesas**. Petrópolis: Editora Vozes, 1984.

CASTRO, Josué de. **Sete palmos de terra e um caixão**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1967.

JULIÃO, Francisco. **Que são as Ligas Camponesas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1962.

MARTINS, José de Souza. **Os camponeses e a política no Brasil**: As lutas sociais no campo e seu lugar no processo político. 5. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1995.

OLIVEIRA, Pedro Carvalho. **As ligas camponesas sob a mira dos Estados Unidos**: ou como a guerra fria chegou ao nordeste do Brasil. 1. ed. Cachoeirinha: Editora Fi, 2025.

STÉDILE, João Pedro (org.). **A questão agrária no Brasil**: história e natureza das Ligas Camponesas (1954-1964). 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.